

O desenvolvimento interno da Igreja Evangélica no Brasil (Sínodo Rio-Grandense) após a 2a Guerra Mundial (1945-1948)

Recordações e pensamentos de um participante de três reuniões: 1946, 1947 e 1948

O autor do presente artigo, Dr. Erich Fülling, faleceu em 17 de outubro deste ano em Villach, Alemanha. Foi docente de História Eclesiástica em São Leopoldo de 1946 até 1951, e depois em Hermannsburg, onde também foi sepultado.

Na sua palestra *Nossa confissão*, realizada no primeiro retiro teológico (1948, Ijuí), o Dr. Ernesto Schlieper afirmou: “O cristianismo de nossas comunidades é em grande parte um cristianismo ingenuamente secular” (“Nossa confissão”, em *Estudos Teológicos*, caderno especial, outubro 1948, p. 4). Certamente pretendia também dizer com isto que a fé cristã e uma correspondente “eclesiasticidade” são encaradas como componentes da ordem civil e política: “Igreja precisa existir” para que se possa batizar, confirmar, casar, educar cristãmente e enterrar! Isto não excluía que nas comunidades também existisse profunda fé pessoal. O costume cristão era, por assim dizer, o invólucro desta fé. Entre os pastores, principalmente entre aqueles originários do trabalho cristão de jovens e aqueles formados por seminários de missão, havia muitos com tendências “pietistas” e que moldavam as suas comunidades de uma forma correspondente. Ao lado destes tínhamos aqueles pastores e membros comunitários alemães e teuto-brasileiros que até 1945, e ainda depois, viam na Igreja Evangélica o reduto cultural da língua e da educação alemã.

Estes três grupos, dos quais o primeiro era certamente o mais forte, não se apresentavam rigidamente delimitados. De que maneira experimentaram eles o desfecho da 2a Guerra Mundial, tão infeliz para a Alemanha? Nas celebrações nacionais realizadas por ocasião do término da 2a Guerra Mundial provavelmente apenas poucos alemães e teuto-brasileiros realmente participaram jubilosa e integralmente. Se alguns destes eventualmente participavam e tinham que fazer um pronunciamento, acentuavam, por exemplo,

a necessidade de um reinício no sentido de uma paz autêntica e de uma fraternidade cristã entre os povos.

O mencionado grupo “pietista” encarava o êxito da guerra como juízo de Deus e exigia uma renovação interior da igreja. Mas veríamos ainda que não era apenas este grupo que fazia tal reivindicação. A grande massa dos “fiéis” não se preocupou muito com o decurso dos eventos, alegrando-se com o fato de que em breve a língua alemã novamente poderia ser empregada na igreja. Obviamente também estava claro que pelo menos para os adolescentes seria necessário o português. A igreja tornou-se bilíngüe e o permaneceu até hoje. As maiores dificuldades tiveram que ser superadas pelo terceiro grupo, pelos que eram conscientemente “alemães”. Neste grupo a desorientação era especialmente grande. Muitas vezes eles se encapuzavam com resignação e com uma observação cínica do desenvolvimento da política mundial. Muitos criam e esperavam por uma guerra entre a América e a Rússia!

Muitas discussões realizadas de 1945-1948 em grupos maiores e menores de pastores e membros comunitários, também em conferências dos distritos eclesiásticos, suscitaram a opinião da necessidade de uma renovação radical da Igreja Evangélica no Brasil. Esta mentalidade teve sua primeira manifestação de relevância na reunião sinodal realizada em Ijuí, no ano 1947, e em um retiro teológico efetuado um ano mais tarde. Antes de falarmos mais detalhadamente sobre estes encontros, é necessário que mencionemos os três principais fatores que sustentaram a renovação. Também é mister falar da luta que se processou em torno do homem para cuja pessoa convergiam na época todas as linhas e que vivenciou profundamente tudo aquilo que nos movimentava: o presidente D. Dohms, reeleito com grande maioria na primeira reunião sinodal pós-guerra, 1946, em Santa Cruz.

I. Os três fatores da renovação interna

1. Dr. Schlieper afirmou na sua fundamental palestra de Ijuí, 1948: Futuramente teremos que “divulgar mais a Palavra entre as pessoas e, conseqüentemente, levar as pessoas para sob a Palavra através de cultos de leigos, da missão escrita e da constante exortação à audição de cultos radiofonizados” (l.c., p. 11).

Nossas comunidades precisam ser integralmente evangelizadas! Esta fora a exigência formulada anos antes por um pastor com tendências pietistas. Depois que as comunidades superaram razoavelmente a guerra e sua existência exterior parecia estar assegurada, chegara o momento de encetar em escala maior a **evangelização** e a **missão escrita**. A igreja criou um cargo com esta finalidade, o qual foi confiado ao pastor Nöllenburg. Este e outros pastores evangelizavam nas comunidades. As comunidades se mostravam bastante abertas para a proclamação de despertamento. Em alguns lugares, na região serrana, por exemplo, missionários de Gnadau já haviam preparado o terreno. Atualmente o trabalho de evangelização é esplendidamente levado adiante pelo missionário Jucksch

e por um pastor procedente da Igreja Metodista. Entrementes este trabalho foi estendido a todo o Brasil.

Ao mesmo tempo se processou a edificação de um trabalho de juventude. Este trabalho se distinguia daquele realizado até 1939 pelo diminuto papel desempenhado nele pelo "Volkstum". O trabalho apresentava como objetivo básico a proclamação bíblica. Mas os jogos e os piqueniques não sofreram com isto uma exclusão. O início deste trabalho foi feito por um jovem brasileiro que formou o primeiro novo grupo de juventude. Hoje todos estes grupos estão reunidos no Conselho Nacional de Juventude, um dos vários departamentos da igreja.

2. Exigiu-se também uma reflexão teológica orientada no sentido da Igreja Confessante na Alemanha. Pastor Reusch e um círculo de teólogos defenderam a opinião de que a declaração teológica de Barmen fosse aceita pela Igreja Evangélica do Brasil; tratava-se de um grupo pequeno, mas que encontrou ressonância por manter relações com a nova diretoria eclesiástica na Alemanha (Niemöller, Asmussen). D. Dohms e a maioria dos pastores rio-grandenses defendiam uma opinião diferente. Também Dr. Schlieper, ele próprio um amigo da Igreja Confessante, achava que não havia no Brasil as pressuposições para uma mera adoção da declaração de Barmen.

Em todos os casos as conversas sobre estes assuntos deram lugar a uma autêntica discussão teológica que provavelmente não tinha precedentes. A tensão entre o pastor Reusch e o presidente D. Dohms foi solucionada quando o último se tornou adepto da teologia de Karl Barth. Mas disto falaremos mais tarde. Entrementes D. Dohms também começou a manter contatos com a Igreja Evangélica na Alemanha. Aos responsáveis no Brasil sempre parecera incontestável que a ligação com a pátria da Reforma não deveria ser rompida e que não entrava em questão associar-se a uma federação de igrejas norte-americanas.

3. Um terceiro acontecimento importante ocorrido entre os anos de 1945-48 foi a fundação da Escola Teológica em 1946, da qual se originou posteriormente a Faculdade de Teologia. Dr. Schlieper comenta o seguinte quanto a isto: "O sínodo agora foi forçado a assumir de forma responsável e plena o magistério. Nisto vejo o significado fundamental destes anos" (l.c., p. 6).

A fundação da Escola Teológica, alojada inicialmente de uma forma bem simples — as aulas por muito tempo tinham lugar em um xalé — foi a obra de D. Dohms. Era ele que nomeava os docentes, embora estes, por longos anos, não trabalhassem integralmente na escola. Estes docentes em conjunto com o estudante Lindolfo Weingärtner, mais tarde docente de Teologia Prática na Faculdade de Teologia em São Leopoldo, compuseram um escrito com artigos sobre Martinho Lutero sob o título Lutero vive. Este escrito foi publicado em memória ao 4º centenário da morte do reformador, ao 60º aniversário de fundação do Sínodo Rio-grandense e à abertura da Escola Teológica em São Leopoldo. Este escrito foi apresentado na reunião sinodal realizada em Santa Cruz, 1946. — Os teólogos

muito mencionados durante as aulas eram Kähler, Althaus e Heim, também Barth, E. Brunner e Thielicke.

II. A luta pela reeleição do presidente D. Dohms

Na América Latina a liderança política e os grupos e partidos políticos são muito mais condicionados pessoalmente do que na Alemanha. Lutas políticas internas muitas vezes são apenas brigas pessoais. Isto também vale para o início de uma nova época que parece fazer imprescindível uma mudança de orientação. Destarte muitos pastores e grupos do Sínodo Rio-grandense perguntavam após a 2ª Guerra Mundial se não havia chegado o momento de substituir D. Dohms, se sua idade — ele completava 60 anos em 3-11-1947 — não tornava conveniente a sua sucessão por alguém mais jovem. Cogitava-se para a sucessão o diretor do Colégio Sinodal em São Leopoldo. A não-eleição deste provavelmente pode ser explicada pelo fato do grupo que defendia sua eleição apresentar uma composição muito variada. Era composto por antigos nacionalistas, adeptos da Igreja Confessante e também por aqueles que não se sentiam pessoalmente compreendidos por D. Dohms. Este grupo não estava em condições de apresentar um programa convincente para a renovação da igreja.

A primeira reunião sinodal realizada em 1946, em Santa Cruz, que se reunia novamente após um intervalo de aproximadamente 10 anos, apresentava o seguinte quadro. A maioria dos pastores e representantes laicais presentes defendia a reeleição de D. Dohms, apenas um grupo menor votou contra a mesma. A discussão era aberta e muitas vezes até mesmo dura e exaltada.

Simultaneamente havia a consciência de que a crise eclesial surgida com a 2ª Guerra Mundial e com o desfecho desta não seria solucionada definitivamente com isto. Nada mais acontecera do que a edificação das primeiras pressuposições externas para um novo começo. Tanto mais urgente era a pergunta: De que maneira a igreja poderá proclamar com maior eficácia e maior abarcamento o Evangelho do juízo e da graça em Cristo, quais são as outras pressuposições que devem ser criadas para que esta proclamação se possa concretizar? Em Santa Cruz, 1946, decidiu-se pura e simplesmente a criação de uma comissão de finanças e de uma **comissão teológica**. A existência externa e interna do trabalho eclesial deveria ser reformulada.

III. Duas reuniões em Ijuí

1. Um ano mais tarde efetuou-se em Ijuí a segunda reunião sinodal. Na **conferência pastoral** combinada com esta reunião, novamente as posições contrárias se chocaram de forma violenta. D. Dohms, entre outras coisas, afirmou que muita coisa no sínodo não estava em ordem. Mas ele também enfatizou a necessidade do perdão mútuo e encerrou a reunião, seguindo uma sugestão do pastor Nöllenburg, com uma oração neste sentido. Após isto D. Dohms e

pastor Reusch se deram as mãos! O último realizou no fim da **noite comunitária** uma palestra que pela primeira vez abordou publicamente entre os meios eclesiais a questão dos “mártires cristãos” do Terceiro Reich. Até aquele momento as direções eclesiais e as comunidades haviam ocupado uma posição neutra frente à Igreja Confessante na Alemanha. Aparentemente esta situação se alterava!

Na reunião sinodal foram proferidas palestras sobre os teólogos alemães Thielicke e Diem. Atenção especial mereceram as exposições do pastor Nöllenburg: **Vicissitude e salvação da Igreja**. Ele conclamava ao trabalho missionário entre o povo. Como já foi mencionado, ele então passou a dirigir o departamento de evangelização.

Um diário pessoal nos fornece as seguintes anotações sobre a reunião em Ijuí: “O decurso e o conteúdo do sínodo foram bastante positivos. Tudo estava dirigido para o tema: Luta contra o espírito do mundo! Também surgiu algo semelhante à fraternidade O ‘mundo’ só considera a Igreja quando esta for diferente dele. Foi isto que nos transmitiram as meditações e ponderações . . . Resumindo: Nossa igreja paulatinamente está se renovando e justamente após esta guerra se concentra cada vez mais naquilo que é necessário.”

2. Novamente um ano depois, em 1948, realizou-se em Ijuí o primeiro **retiro teológico** para pastores. Pouco tempo depois ela foi bisada em São Leopoldo para um número maior de pastores. Aproximadamente a metade do pastorado rio-grandense participou dos retiros. Eles deveriam constituir o fundamento teológico da renovação eclesial. As palestras seguidas por discussões foram apresentadas pelo P. Warnke: **Meditações sobre trechos da carta aos Efésios**, sob o tema: “Em Cristo”; Dr. Fülling e P. Weber: **A confissão na época da Reforma**, respectivamente **A confissão no Novo Testamento**; P. Reusch: **A declaração teológica de Barmen**. A palestra principal foi proferida por D. Dohms: **A doutrina da Palavra de Deus e a prédica: um relato**. A palestra conclusiva foi apresentada pelo Dr. Schlieper: **Nossa confissão**.

Queremos destacar aqui algumas idéias centrais extraídas das “meditações” sobre Ef 2, 14: Ele é a nossa paz. “O sentido original destas palavras deveria estar claro para nós, ele ainda continua tendo validade. Mas não podemos passar por estas palavras sem perguntar: Ele realmente é a nossa paz, nossa paz em todos os níveis, nossa paz bem pessoal? Porventura discutimos com Deus por ter lançado nosso povo em tal situação deprimente? Pensávamos ver um sentido cristalino no curso histórico do nosso povo. E agora exatamente a história se nos transformou em algo sem nexos. Como nós vivemos agora? Em um fatalismo subjacente inconfessado? Ou nós nos aproximamos tanto de Deus através da cruz que também a catástrofe de nossos dias redundará em bem, isto é, nos conduzirá à paz em meio dos conflitos? Nós que aqui não temos nossa pátria — nos conformamos em ter que viver sem pátria aqui em nosso mundo? Nós nos conformamos de tal modo que também a situação

vigente nos aproximará ainda mais de Cristo, de Deus, nos levará a viver e a agir no mundo como homens de esperança? Ele realmente é a nossa paz? As nossas esposas sentem algo disso? Ou nós as contaminamos com nossa querela, nossas murmurações, nossa desesperança? O nosso lar sufoca com seu espírito de tristeza, de crítica, de pessimismo qualquer pessoa que nele pisa? Mas como poderão crer na exclamação que devemos transmitir: “Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus (v. 19)”? (**Nossa Confissão**, p. 70). Adiante: “Se não me engano, vivemos em uma época cuja preocupação é dar à Igreja aquela forma que lhe permitirá ser aquilo que ela deve ser sempre no mundo: Sal, luz, lugar de paz no meio do caos. E atualmente se luta para que o novo que irá surgir suceda ‘n’Ele” (p. 71).

As duas palestras sobre a confissão no Novo Testamento e na época da Reforma enfatizavam que “confissão” significa, por um lado, a confissão dos pecados do cristão, por outro lado, também o louvor a Deus; a confissão dos pecados significa louvor a Deus, abarcando também toda a vida do crente. De maneira semelhante o pastor Reusch afirmou em seu relato sobre “Barmen” que a confissão representava um processo existencial, uma “existencialidade confessional reformatória” (l.c., p. 17).

D. Dohms, em sua extensa palestra **A doutrina da Palavra de Deus e a prédica: um relato**, tomou como ponto de partida a sentença reformatória de que a prédica da Palavra de Deus é a própria Palavra de Deus. Esta era a concepção de Lutero e dos reformadores. O luterano Althaus e a teologia neoreformatória de Karl Barth e Emil Brunner nos renovaram esta assertiva. Os últimos se voltam — assim o colocou D. Dohms — principalmente contra a cosmovisão do homem moderno, uma cosmovisão sem Deus: “Em suma, a cosmovisão moderna, que se apresenta facetada como racionalismo, historicismo, naturalismo, relativismo, positivismo, é designada, em uma palavra, como secularismo, como uma cosmovisão sem Deus” (l.c., p. 26). Após o fracasso da tentativa neo-idealista de servir de elo de conexão entre estas grandezas e a teologia (Troeltsch, l.c., p. 29ss.), se fazia necessário agora entender de forma nova a teologia como a doutrina da prédica da Palavra de Deus. A prédica se transforma em Palavra de Deus “onde ela ocorrer por incumbência de Deus, isto é, onde em e com os motivos humanos e através deles se cumprir uma tarefa de Deus, onde Deus através dos motivos humanos realmente se revelar como aquele que os reivindica” (l.c., p. 34).

Após esta confissão de D. Dohms a Karl Barth, Dr. Schlieper expressou a sua alegria pelo fato da Igreja no Brasil ter reconhecido também agora o seu professor Karl Barth como professor dela. D. Dohms respondeu que a verdade deve ser dita. Assim a chamada “Volkstumstheologie”, que o luterano Dohms como adepto da autêntica doutrina luterana dos dois reinos jamais representara, foi superada por uma nova reflexão teológica. Um novo começo havia sido instaurado. Como proclamadores, os pastores podiam agora interpretar e expor com nova autoridade a Palavra de Deus na

prédica. Isto não significa que não seja necessário levar em consideração a situação específica em que nós nos encontramos.

Este aspecto foi enfatizado justamente na última palestra Nossa confissão proferida pelo Dr. Schlieper. Afirmou que ajudar a Palavra de Deus a encontrar ouvidos receptivos implica na “consideração da específica situação espiritual dos homens do nosso mundo” (l.c., p. 13). E continuou dizendo: “É preciso que conheçamos o adversário específico que em nosso meio luta contra o Evangelho pelo domínio sobre os homens. Não para que então possamos destruí-lo com as nossas armas, mas para que possamos dizer aos homens em sua situação específica que o poder deste adversário há muito tempo já foi superado. A proclamação concreta pertence o conhecimento da situação do homem. É necessário que saibamos dizer ao operário de uma indústria o que significa para ele que ele pertence a Cristo, mesmo que ele esteja diante de uma máquina. Igualmente devemos saber dizer aos cristãos ocasionais e sentimentais que Cristo lhes quer ser bem mais e bem outra coisa do que apenas uma dose de sentimento restringido a determinadas ocasiões. Devemos saber quando estamos lidando com materialismo crasso, com disposições de ânimo momentâneas, com indiferença, com desespero, com legalismo. Tudo isto nós devemos saber. Mas este conhecimento em nada nos ajudará se não soubermos em primeiro lugar e antes de mais nada e sempre de novo aquilo do qual devemos falar à Igreja e ao mundo. E esta coisa é nossa confissão e ela se chama: Jesus Cristo” (l.c., p. 13-14). Uma tal igreja não pode ser uma igreja retraída, mas precisa possuir uma “vontade manifesta para a missão” (l.c. p. 13). Apesar do fracasso humano nos anos de guerra, a Igreja tem agora a possibilidade de ser “efetiva e plenamente Igreja” (l.c., p. 6). Dr. Schlieper afirmou: “Com isto ela disse ‘sim’ ao seu futuro, isto é, ela reconheceu que possui sob todas as circunstâncias uma missão aqui no Brasil” (l.c.).

Com esta clara confissão a Jesus Cristo e com o reconhecimento de uma específica missão no Brasil haviam sido superados os últimos resquícios de uma “igreja dos imigrantes alemães”. Com esta nova base os quatro sínodos evangélicos se reuniram em 1949 na “Federação Sinodal” que em 1962 daria origem à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (particularidades quanto a isto no livro de J. Fischer, *Es begann am Rio dos Sinos*, 1970, p. 166-168).